

A woman with blonde hair in a braid, wearing a white lace dress and high heels, is posing against a background of white curtains. She is leaning forward, looking back over her shoulder.

BeCool

10 boas notícias para
pessoas trans

Fabio Sabba: “Não é
táxi x Uber”

#Mimimilho

Renata D'Ávila



RevistaBecool



@becoolmagazine

BeCool



SEÇÕES E COLUNAS

4 | CARTA AOS LEITORES
TWITFEED

5 | MULHERES QUE AMAMOS

Kristen Bell

6 | SETLIST

Apoios para o VMA

7 | ROTEIRO SP

Julho de 2015

44 | FAZ SENTIDO?

A fórmula do fracasso

45 | CRÔNICA

Se oriente, rapaz

46 | CHARGE

MATÉRIAS

8 | 10 BOAS NOTÍCIAS PARA PESSOAS TRANS

Acontecimentos que trouxeram esperança

12 | BEIJE MAIS E FALE DE PERTO

Alguns cuidados para evitar o mau hábito

16 | A ETIQUETA DO WHATSAPP NO TRABALHO

Evite que o aplicativo te atrapalhe

20 | #MIMIMILHO

A tortuosa questão do milho na cerveja

24 | ENTREVISTA

Fabio Sabba

28 | ENSAIO

Renata D'Ávila

40 | CULTIVE O TESSÃO

Não deixe sua vida sexual esfriar

ENTRE EM CONTATO

Facebook: facebook.com/RevistaBecool

Twitter: [@becoolmagazine](https://twitter.com/becoolmagazine)

E-mail: adngui@gmail.com

Carta aos leitores



Depois de um mês de julho bastante movimentado nós finalmente entregamos aqui a edição 35 da BECOOL, a dois meses do aniversário de três anos e a caminho da liderança (tapa na cara).

Antes de continuar, um parabéns pro pessoal da “Playboy” pelos 40 anos de Brasil. Ninguém sabe se eles vão estar aí amanhã, mas seria bom se ficassem (e melhorassem um pouco as matérias).

Nós que não somos a “Playboy” apresentamos um ensaio bem mais comportado com a ex-BBB Renata D’Ávila. São fotos muito lindas e bem feitas que você não pode deixar de ver. Pra não deixar a peteca cair, te damos ainda uma dica pra cultivar o tesão no seu relacionamento.

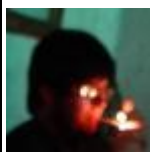
Na linha de matérias sérias temos 10 boas notícias para pessoas trans e uma entrevista com Fabio Sabba, o porta-voz do Uber no Brasil. Tem também cuidados para prevenir o mau hálito, a etiqueta do WhatsApp no trabalho, o mimimi do milho na cerveja, Kristen Bell em “Mulheres que Amamos”, uma setlist com nossos apoios para o VMA, o roteiro dos paulistanos no mês, uma charge e as colunas de Mônica de Souza e Alberto Villas.

Faltam só dois meses pra gente comemorar três primaverinhas! E a BECOOL 35 já está no ar. Boa leitura e sigam nas redes sociais.

TWITFEED



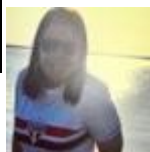
@tiagoportoc: Minha única preocupação com as olimpíadas do Rio é se vai ter uma música tão massa como Reach da Gloria Estefan



@floc0: VAMO SAIR HOJE? NÃO POSSO VOU FICAR EM CASA CURTINDO AS FOTO DOS PAI DA GLR



@ceconello: Há duas coisas que, se utilizadas de forma equivocada, provocam grande mal para a humanidade. A 2ª é a energia nuclear. A 1ª é o violão.



@mabuzzolo: Meu pai está absurdado que as pessoas mandam muita coisa "sem noção" e "fora de contexto" nos grupos do whatsapp. Será que eu conto pra ele?



@HMartins: ligar num delivery de castanhas e nozes e fazer o pedido assim:

"manda nuts"



@DanielSFurlan: Da série PROFISSÕES QUE SE EXISTISSEM EU SERIA MELHOR DO MUNDO: Sommelier de Achocolatado.

Kristen Bell

Kristen é famosa por participar de séries de sucesso, como Veronica Mars, Heroes e Gossip Girl. Com ascendência polonesa, a jovem atriz descobriu seu talento ao participar de uma peça de teatro em sua escola, onde encarnou Dorothy Gale, de O Mágico de Oz.

Foi em 1998 que Kristen debutou no cinema, participando do filme Casamento Polonês. Após se graduar em teatro musical, Kristen ainda tentou entrar para o seriado Smallville, em 2001, no papel de Chloe Sullivan, mas não passou no teste. Em 2004, protagonizou o filme Veronica Mars, em que começou a se destacar. Nos anos seguintes, ela ainda participou de Gossip Girl e Heroes.

Após diversos filmes de menor expressão, a atriz fez em 2011 a quarta parte da série Pânico e em 2013 dublou Anna no arrasa-quarteirão Frozen.

SETLIST

Apoios para o VMA

Já começou oficialmente a votação dos Video Music Awards (VMA) de 2015 e, ainda que os brasileiros sejam impedidos de votar pela MTV, BECOOL define desde já sua preferência em relação aos clipes indicados. Aliás, preferências, no plural, pois escolhemos aqui cinco clipes que gostaríamos de ver vencer na premiação. É o momento certo para a definição, pois falta chão a percorrer e a escolha imediata evita equívocos. E estas são as nossas.



4. Colbie Caillat — Try

Uma aposta exclusivamente para a categoria “clipe com mensagem social”. O clipe de “Try” é um grande ensinamento sobre beleza, combinado com uma música bem legal e inspiradora. Você só tem que se levantar.



2. Sia — Elastic Heart

Esse pode ser o segundo melhor clipe da temporada (o melhor é “I Won’t Let You Down”, do OK Go, que foi injustiçado no VMA). Artístico e cheio de significados, o clipe conta ainda com Shia LaBeouf e a ótima atriz mirim Madie Ziegler, que também protagonizou outros clipes de Sia.

1. Taylor Swift ft. Kendrick Lamar — Bad Blood

Não é o melhor clipe da Taylor e nem o melhor clipe do “1989”, mas seria divertido ver “Bad Blood” ganhar um VMA apresentado pela Miley. Primeiro lugar pra Tay. E nós amamos as smileys. =S



5. Mark Ronson ft. Bruno Mars — Uptown Funk

Um clipe ótimo e muito bem editado, “Uptown Funk” tem uma pegada deliciosamente clássica também sob o ponto de vista do vídeo, com coreografia bem feita e um script bem elaborado que leva o nosso quinto lugar.



3. Ed Sheeran — Thinking Out Loud

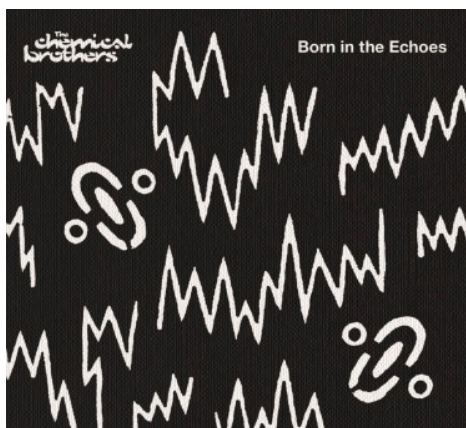
O Edinho pé de valsa tem um dos melhores clipes até agora. Com uma ideia pouco convencional e uma boa edição, o vídeo de “Thinking Out Loud” tem uma vibe artística que chama a atenção. A dança, por sinal, deixa o clipe até que bonitinho. Medalha de bronze pra ele.





Filme: Entourage — Fama e Amizade

Continuação do seriado Entourage, que apresentava os bastidores de Hollywood e seguia as aventuras do ator Vincent Chase (Adrian Grenier), do agente Ari Gold (Jeremy Piven) e dos amigos Eric (Kevin Connolly), Turtle (Jerry Ferrara) e Johnny (Kevin Dillon). Dirigido por Doug Ellin.



CD: Born In The Echoes

(Universal, R\$ 28) Ele mostra a dupla de DJs redefinindo seu som como algo mais guiado por um tema, um som determinado como uma reação à música das festas de hoje em dia.



Livro: Três Semanas Com Meu Irmão

(Arqueiro, 320 páginas, R\$ 28) Em janeiro de 2003, Nicholas Sparks e seu irmão mais velho, Micah, partiram numa viagem de três semanas ao redor do mundo. Das ruínas da Guatemala aos passeios de trenó na Noruega, passando pelo Taj Mahal, na Índia, e pelos templos do Camboja, os dois mergulharam numa jornada que fortaleceria os laços dos únicos sobreviventes da família Sparks.




Show: Caetano Veloso e Gilberto Gil

Os shows comemoram os cinquenta anos de carreira dos artistas. A apresentação deve reunir clássicos do álbum Tropicalia ou Panis et Circencis, de 1968, além de canções do grupo Doces Bárbaros e uma revisão da carreira dos dois. Dia 20 às 21h30, dia 21 às 22h30, dia 22 às 22h e dia 23 às 20h no Citibank Hall: Avenida das Nações Unidas, 17955 - Vila Almeida. Ingressos: R\$ 60 a R\$ 450



Balada: Caos

O espaço para funciona como loja de antiguidades durante o dia. Brinquedos, televisões e até uma bicicleta forram as paredes e o teto em uma decoração retrô. À noite, o clima esquenta com drinks diferentes e cerveja (Heineken long neck). Há ainda porções caldos e sanduíches. O DJ anima a apertada pista, ao som de rock, soul, hip-hop, ritmos brasileiros e funk. Às sextas, a festa Boogie Nights de disco music é comandada pelo experiente Magal. Procure chegar cedo, já que o espaço comporta somente oitenta pessoas. De terça a sexta, dá para entrar de graça das 19h às 22h. De terça a sexta das 20h às 02h, sábados das 21h às 03h e Domingos das 13h às 20h. Rua Augusta, 584 - Consolação - São Paulo - SP. Telefone: (11) 2365 1260. Consumo mínima: R\$ 30,00 (domingo, a partir das 17h); R\$ 40,00 (terça a quinta) e R\$ 50,00 (sexta e sábado).



10 BOAS NOTÍCIAS PARA PESSOAS TRANS

Alguns fatos recentemente noticiados podem dar alguma esperança de dar destaque às questões trans.

Por **DANILO GONÇALVES** e **LUISA CARDOSO**

8 revistabecool.blogspot.com



S

e é verdade que o cenário para os homens trans é difícil, a militância 'T' vive à margem da mídia e não recebe a devida atenção de outros movimentos sociais de minorias, algumas notícias parecem dar alguma esperança a essas pessoas e merecem destaque. Conheça algumas:

NOTÍCIAS TRANS

1 O Centro Acadêmico Afonso Pena, da Faculdade de Direito da UFMG, abriu processo seletivo para contratar exclusivamente pessoas trans;

2 A U F E S (Universidade Federal de Feira de Santana/BA) foi uma das poucas instituições que alterou sua foto de perfil no Facebook com o filtro da luta trans. A ação foi parabenizada pelo deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ): "O ambiente acadêmico pode ser mais acessível e também mais acolhedor a todos e todas, inclusive às pessoas trans", publicou o político e ativista;

3 A ex-candidata à Presidência da República pelo PSOL,

Luciana Genro escreveu um claro depoimento ao trocar sua foto de perfil: "O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. A maioria das pessoas trans acaba sendo empurrada pelo preconceito para fora das escolas, restando como alternativas a prostituição e os subempregos;

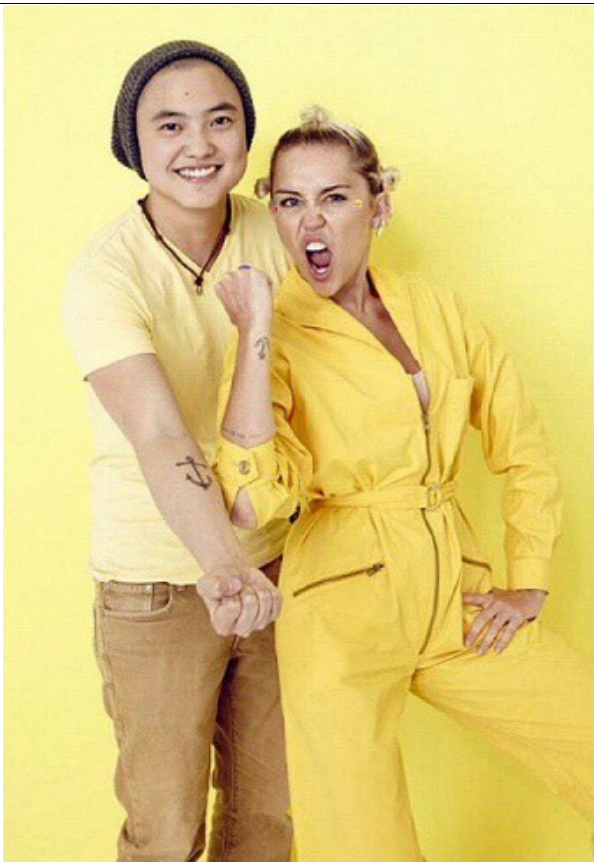
4 Em junho, a cantora Miley Cyrus fechou uma parceria com o Instagram para dar voz a transgêneros e transexuais. Na ação, a artista publica fotos em sua rede social acompanhada de pessoas trans;

5 Engajadíssima na causa das pessoas trans, Miley Cyrus também promoveu o Blackyard Sessions este ano. Trata-se de uma série de vídeos de apresentações inéditas para arrecadar fundos para a fundação Happy Hippie, que ajuda a conscientizar pessoas a respeito do público LGBTQT;

6 Este ano, o requerimento do nome social para o ENEM foi alterado, não sendo mais necessário solicitá-lo por telefone. A mensagem direcionada aos homens trans, transmasculinos e pessoas não binárias diz ainda que a pessoa poderá utilizar o banheiro de acordo com sua própria identidade de gênero;

7 Em junho, o Google lançou um filme que mostra a história de um homem transgênero. Trata-se de um vídeo corporativo de uma academia de ginástica americana que ajuda pessoas em fase de transição;

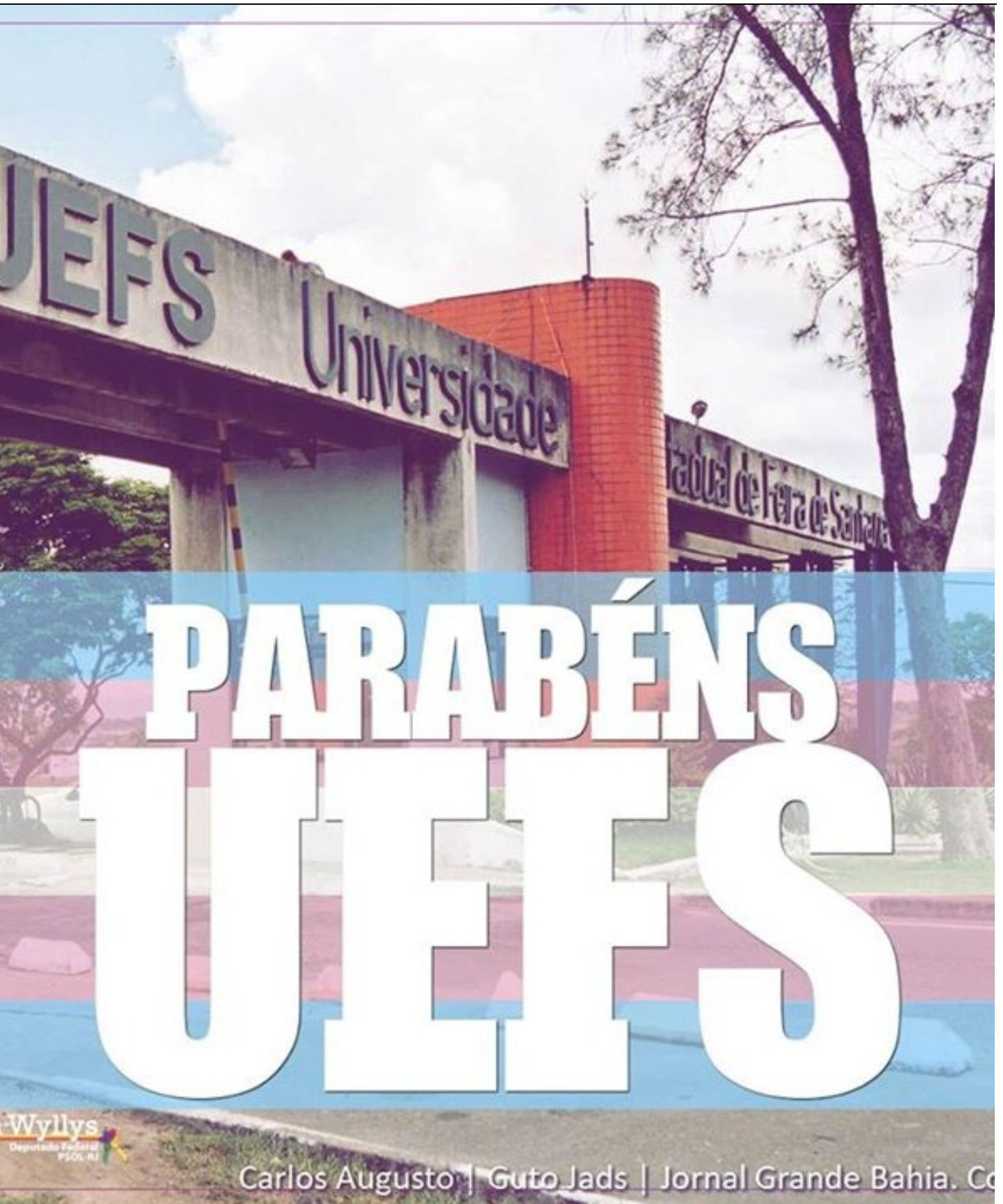
8 Em 29 de maio, a Argentina regulamentou cirurgias de transgenitalização e demais procedimentos em todo país; a Lei João W. Nery, que tramita em Brasília, é baseada no texto dos hermanos. Veja o depoimento emocionante da ativista Daniela Andrade sobre o avanço;



9 Em janeiro, o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, lançou o programa Transcidadania, que oferece às pessoas transexuais a oportunidade de retornarem ao ensino fundamental e médio, além de receberem bolsas de estudos e assistência médico-terapeuta;

10 No início de maio, a PUC-Rio permitiu, pela primeira vez, que uma estudante transexual usasse seu nome social. A aluna lutava pela autorização desde 2014. ■

Algumas notícias parecem dar
esperança e merecem destaque.





Beije mais e fale de perto

Alguns cuidados pra você tomar e prevenir o mau hálito.

Por WILSON WEIGL



M

andar ver na pizza alho e óleo e no molho de cebola do churrasco não é recomendável para quem quer beijar ou falar de perto. Emborcar uma dúzia de copos de tequila também não. Dar bom dia sem escovar os dentes idem. Todo mundo tem seus momentos de bafo, mas se o problema é persistente, você pode sofrer, até sem se dar conta, de halitose, o nome científico para mau hálito.

Tem gente que sofre do problema e só percebe quando é avisada por um amigo do peito. Sim, caso ninguém dê o alerta, o dono do bafão pode acabar se acostumando com o odor do próprio hálito.

MAU HÁLITO



A halitose é dissimulada, porque não dá o gosto amargo na boca que a gente sente quando acorda ou fica muito tempo sem comer (sim, jejum pode causar mau hálito). Segundo a Associação Brasileira de Halitose (ABHA), 30% dos brasileiros convivem permanentemente com o problema, que prejudica suas relações pessoais, afetivas e profissionais e pode até levar à depressão.

“Muitas vezes as pessoas se afastam de quem tem mau hálito. E, por outro lado, há quem sinta vergonha de ter o problema e se afaste do convívio social”, conta o dentista Paulo Zahr, da rede de clínicas odontológicas Odontocompany.

A halitose não é considerada doença, mas sintoma de que algo no organismo não anda bem. Os médicos a relacionam a mais de 60 causas, incluindo estresse, mas em 90% dos casos ele tem origem na boca.

Não adianta escovar os dentes a cada cinco minutos, porque não costuma se tratar de um problema de falta de higiene dental. A halitose pode ser causada por má alimentação, infecções periodontais, inflamação das gengivas, próteses dentárias mal adaptadas, alterações da salivação e até por beber pouca água.

“Às vezes, várias dessas causas trabalham juntas para promover o mau odor”, explica o dentista Luis Fernando Bellasalma, professor da Escola de Aperfeiçoamento Profissional da APCD (Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas).

“A halitose, em grande parte dos casos, tem origem na língua”,

continua o especialista. “São restos de células e alimentos que se acumulam nos espaços entre as papilas gustativas – terminações nervosas que recobrem a língua, responsáveis pelo reconhecimento do gosto. Esses resíduos elevam a população de bactérias presentes na boca que liberam o cheiro desagradável de enxofre característico da halitose.”

Até mesmo beber pouca água contribui para o problema. “A falta de hidratação diminui a produção de saliva e favorece a concentração na boca dos compostos”, diz Bellasalma. “A primeira medida de quem suspeita ter mau hálito é beber mais água.”

Usar spray, chupar bala e mascar chiclete disfarçam, mas não resolvem, e podem levá-lo ao dentista também por outros motivos.

“Todo chiclete contém algum tipo de adoçante, mas os que têm açúcar estimulam ainda mais a produção das bactérias, causando também cárie”, afirma Bellasalma. Álcool e café também estão na lista negra, pois deixam a boca seca e criam um ambiente favorável aos microorganismos. “Estresse e respiração pela boca também podem desencadear o problema”, completa Paulo Zahr.

Para o diagnóstico, o ideal é procurar um dentista, mas, diante da mínima desconfiância de que está com halitose, ou mesmo para prevenir seu surgimento, existem alguns cuidados para você adotar já, segundo os dentistas Luis Fernando Bellasalma e Paulo Zahr.

A halitose é dissimulada,
porque não dá o gosto amargo na boca.



1# Redobre os cuidados com a higiene bucal: Escove os dentes após as refeições e não abra mão do fio dental, para eliminar restos de alimentos alojados entre os dentes.

2# Higienize a língua: Quando a crosta esbranquiçada que reveste a parte superior da língua (saburra) estiver espessa, use escova de dente ou limpador apropriado para removê-la. Quando for fina ou invisível, vale a pena limpar com uma gaze, sem colocar muita força.

3# Beba água: A boca seca e a falta de salivação estão entre as principais causas do problema.

4# Capriche na escovação dos dentes: Apesar do mau hálito não significar necessariamente falta de higiene, a falta de escovação produz bactérias que provocam mau cheiro.

5# Preste atenção à alimentação: Não apenas alho e cebola, mas também brócolis e couve podem causar mau hálito. Por outro lado, abacaxi, maçã e frutas cítricas são “limpadores” bucais.

6# Não fique mais de três horas em jejum: Quando você fica sem comer, o corpo se “alimenta” dos músculos (aquela velha história conhecida de quem treina) e o processo produz gases que saem pela boca.

7# Procure um dentista: Na maioria das vezes, o problema é facilmente resolvido com a orientação do especialista. ■





A etiqueta do WhatsApp no trabalho

Como usar o bom senso para evitar que o aplicativo atrapalhe seu trabalho.

Por THIAGO SIEVERS

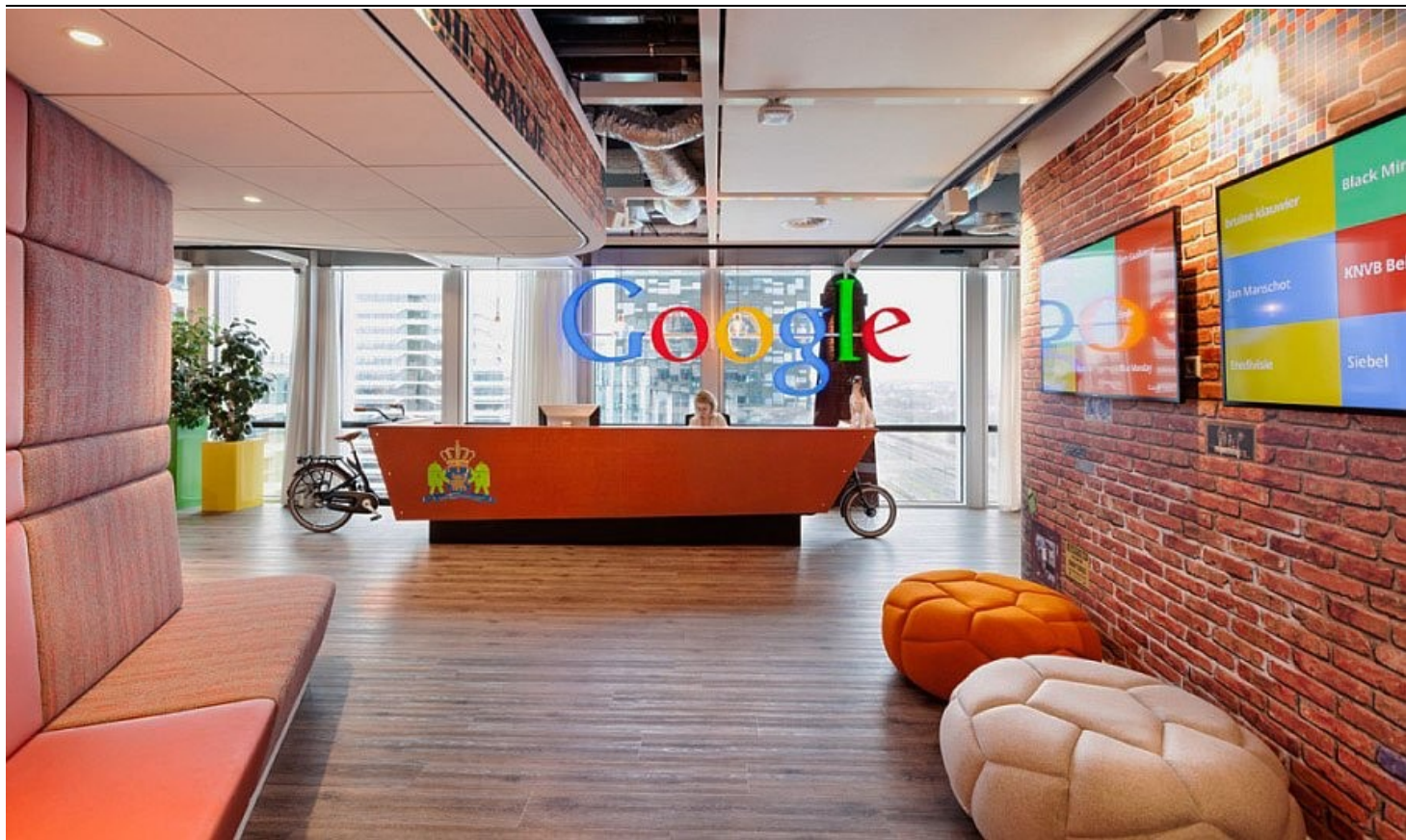


O

utro dia fui visitar o QG paulista do Google e descobri que não é tudo lenda. O ambiente tem mesmo um clima de descontração como dizem – com muitas cores e estações de descanso e diversão – e os profissionais têm liberdade.

Perguntei então para a amiga que havia me convidado, ao me deparar com uma mesa de sinuca: se você quiser jogar uma partida comigo agora, no meio do dia, você pode? “Sim, óbvio”, foi a resposta.

WHATSAPP



Esse é o Espírito do Tempo empresarial: liberdade aos profissionais. Mas liberdade responsável. Você pode fazer o que quiser se cumprir suas tarefas.

Nada de proibições.

As proibições cansam, exaurem e fazem a produtividade cair. Podem até garantir resultados, mas não qualidade. E resultados burocráticos, sem criatividade, não fazem uma empresa se destacar.

Ao falar sobre isso, nos deparamos com uma praga moderna: o WhatsApp.

O aplicativo é um verdadeiro fenômeno e invadiu todos os âmbitos de nossas vidas – inclusive o profissional.

Uma pesquisa realizada pela Regus descobriu que 95% dos brasileiros utilizam o aplicativo como ferramenta de trabalho. E eu acrescentaria nessa estatística que 100% usam-no para assuntos pessoais durante o expediente.

É um chute meu. Mas um chute preciso, estou convencido disso.

É difícil passar o dia sem dar uma fuçada no zapzap durante o período de labuta, que às vezes se estende por 8, 9, 10 horas.

Mas, por outro lado, qual o problema de dar uma checada rápida, que não levará mais de 3 minutos? Isso, inclusive, pode ser ótimo para dar uma espairecida depois de momentos intensos e longos de concentração numa tarefa específica. Se compararia, sei lá, à pausa para um café.

O problema é que não somos tão sábios quanto à simplicidade desse raciocínio e, por vezes, nos aventuramos em longas imersões no aplicativo, o que prejudica muito a nossa produção.

O WhatsApp se tornou aquele lugar da escapadinha, do alívio, da satisfação entre tantas obrigações. É o oásis do deserto empresarial. É o cigarro que não pode mais ser acendido no biombo. Olhamos para o smartphone e nos vislumbramos com a fuga fantástica da dura experiência profissional.

E então caímos no famigerado discurso do bom senso.

“Use com bom senso e tá tudo bem!”

Mas isso é tão óbvio quanto o fato de que ninguém usa com bom senso (licença poética para a generalização).

Bom senso é uma medida subjetiva – e a realidade é que você terá que se adaptar à subjetividade do seu chefe.

Simples assim.

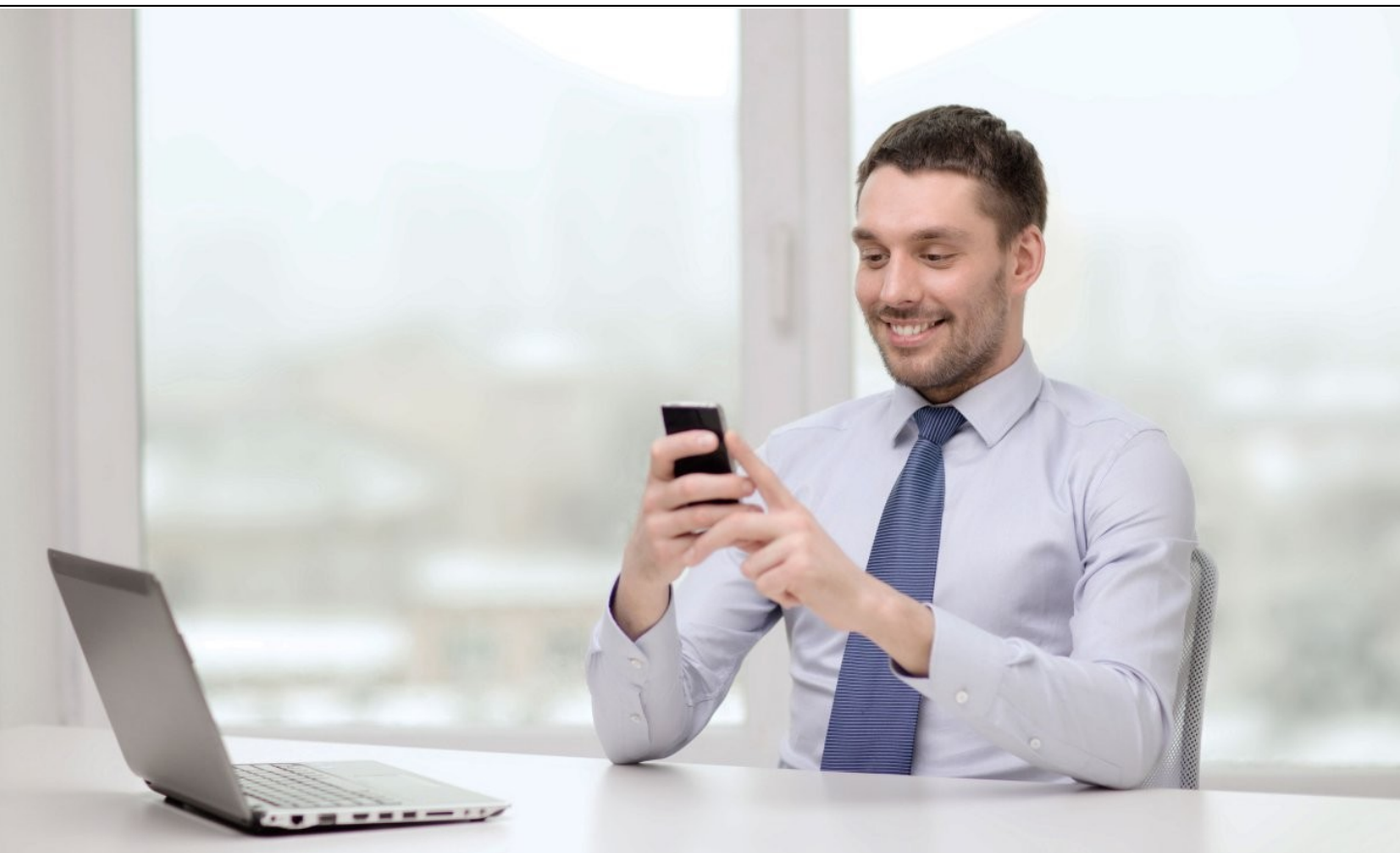
Contudo, uma coisa é certa e isenta de subjetividade: você não deveria deixar as mensagens pessoais do WhatsApp interromperem suas tarefas.

Sua responsabilidade como profissional é ser produtivo à empresa que trabalha. Você assumiu esse compromisso ao aceitar o trabalho. Mas parar uma atividade no meio para dar uma checadinha no aplicativo não auxilia em nada a sua produtividade.

Uma, duas vezes não tem problema. Mas esse hábito vai te consumindo como um desfile sensual da Candice Swanepoel com as asas de Angel – quando você vê já era.

Não se deixe seduzir pela aparente inofensividade do WhatsApp no cenário profissional.

Voltando aos americanos, é importante que a gente entenda a mensagem do Google: você é responsável pelas suas tarefas. Não deveria mais haver regras no trabalho para garantir a nossa produtividade – o nosso dever já é ser produtivo independente de



qualquer coisa!

Chefes no cangote cobrando resultados? Obsolescência, senhores! É tipo mandar o aluno que conversa na aula para a diretoria.

Não vim responder categoricamente se você deve ou não mexer no WhatsApp enquanto trabalha. O problema (e a solução) não está aí, mas na maneira como você encara os seus deveres.

O mundo é da proatividade, daqueles que fazem sem esperar cobrança e reavaliam constantemente suas responsabilidades.

Se você sabe o que está fazendo, se está com o controle de sua tarefa, se está imerso nela, não vai se preocupar em verificar mensagens no celular. Seu foco é outro.

Mas há algumas questões básicas a serem observadas quando o assunto é o app no trabalho. Saca só:

1 Como disse acima, não interrompa uma tarefa para checar mensagens pessoais. Sua concentração vai para o espaço numa dessa.

2 Se sua empresa tem regras rígidas, por mais que você discorde delas é preciso se adaptar (caso queira manter o emprego, claro). Então se o chefe fala “nada de WhatsApp”, é nada de WhatsApp. E não tem conversa.

3 Estabeleça alguns horários específicos para checar as mensagens do aplicativo. Em vez de abri-lo compulsivamente a cada nova chamada, pense em checá-lo, sei lá, a cada 2 horas. Não tem problema se algumas mensagens ficarem esperando resposta por muito tempo. Quem realmente precisar falar com você vai te ligar.

4 Se seu chefe te chama no WhatsApp em horário fora do expediente, vá com calma na hora de responder. Claro, não o deixe esperando. Mas se você perceber que ele está utilizando muito desse recurso quando você deveria descansar, fique esperto e controle a situação. Se você responder sempre vai fazer com que essa dinâmica se torne a natural e aí vai ser difícil virar o jogo.

5 Básico: não mande mensagens pessoais em grupos profissionais. Correntes, piadas, vídeos de sacanagem? É o cúmulo compartilhar esse material em janelas do trabalho, senhores. Jamais faça isso.

6 Utilize o aplicativo para mensagens objetivas. Não substitua o email, por exemplo, pelo WhatsApp. Se for enviar anexos ou se for uma mensagem mais comprida ou que precisa ficar armazenada, sempre por email.

7 Personalize um toque diferente para os grupos do trabalho e para aquelas pessoas que você só costuma falar sobre assuntos desse gênero. Assim, quando ouvir o aviso específico saberá que a mensagem é do campo profissional e poderá dar atenção no meio do expediente. ■



#MIMMILHO

A tortuosa questão do milho na cerveja.

Por CILMARA BEDAQUE



J

á há algum tempo, quero falar sobre a adição de milho (e arroz) na cerveja. Isso porque este assunto virou uma grande oportunidade para todos estudarmos, aprendermos e não sairmos por ai repetindo as coisas de orelhada.

#MIMIMILHO



Sim, porque neste mundo da cultura da internet™ grandes mentiras viram verdades e grandes verdades viram piadas. O milho, depois de usado pelas grandes cervejarias para baratear seu custo, produzir teor alcoólico e, além de tudo, ser escondido nos rótulos sob o cognome de “cereal não maltado” foi chicoteado, esquartejado e ofendido em sua nobreza de grão. O problema não é o milho, mas sim o uso que essa indústria fez dele. Aí começou essa ignorância que só malte de cevada era cerveja e que outras experiências procurassem outro nome. O grau de ataque é nível torcida de futebol enfurecida.

Todos têm que ter opinião para tudo? Vamos lá. Fui averiguar o assunto. Oh! A mais antiga “cerveja” encontrada na China era feita de arroz? Os rígidos alemães usaram milho para retirar a opacidade de suas cervejas? Muitos iniciantes no consumo da cerveja artesanal aceitam com felicidade as cervejas de trigo? Os andinos faziam sua cervejinha (chicha) mastigando milho? Existe um estilo de IPA chamado Rye IPA que usa até 20% de centeio? Experimentei outro dia uma deliciosa cerveja peruana feita de quinoa?

Aí veio a AMBEV e se associou à Wäls e à Colorado e muitos ~entendedores~ começaram a falar que todo produto que estas pioneiras cervejarias artesanais produziram seria feito com milho. Nesse tipo de raciocínio há muita culpa da própria Ambev que, pelo jeito, aprendeu com a Kirin que não precisa fazer a polí-

tica da terra arrasada. Até a Stella Artois feita aqui pela Ambev foi “abrasileirada” e perdeu seu marcante aroma ainda encontrado pelo resto do mundo. Isso sem falar na Original, Serramalte e outras cervejas “adaptadas”. Parece que nessas recentes associações há um novo espírito dentro da grande indústria. Óbvio que essa intenção precisa ser comprovada ao longo do tempo.

Mas aí já que virou o #Mimimilho, os irmãos Carneiro – da Wäls – partiram pra ousadia. Já que estavam acusando suas cervejas com argumentos tão falsos, eles lançaram semana passada e, em breve, deve estar nos supermercados, a Wäls Hop Corn IPA com 15% de milho anunciado no rótulo! (Transparência, que beleza!) Na verdade é usado um xarope chamado de High Maltose que fermenta ajudando a dar teor alcoólico à cerveja. Como a paixão por lúpulos está em alta *-* eles abusaram da quantidade e da variedade (Columbus, Cascade e Amarillo e finalizada com um dry hopping de Centennial). A Hop Corn tem 6.7% de teor alcoólico, 70 IBUs e uma leveza que garante sua bebalidade por um bom tempo.

Pra completar o serviço, os irmãos Zé Felipe e Tiago Carneiro, junto com a Bohemia, colocaram no rótulo saquinhos de pipoca cheios de lúpulo e conclamaram todos nós a derrubar um muro de falso conhecimento que só faz mal para a evolução da cerveja.

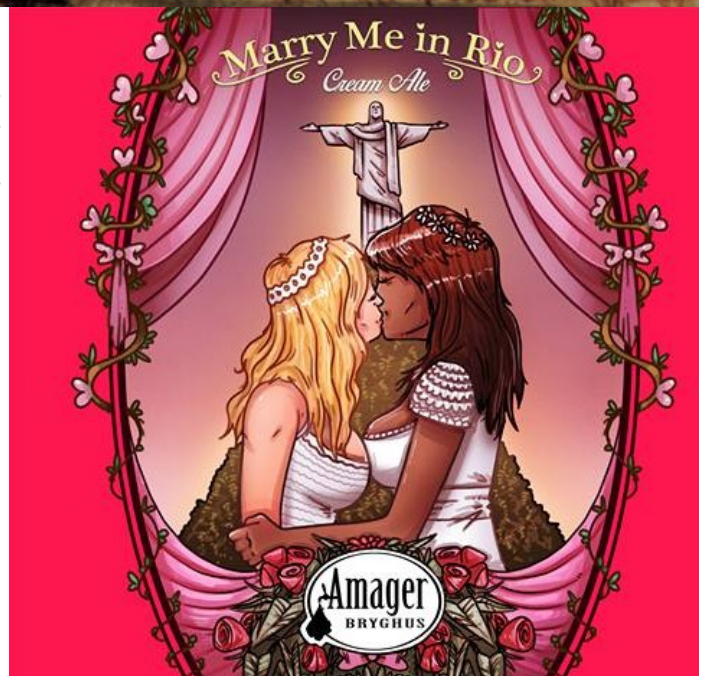
Outra bem humorada cervejaria brasileira – a 2cabeças – também entrou na pretensa polêmica do #Mimimilho e produziu, em



colaboração com a cervejaria dinamarquesa Amager Bryghus, a Marry Me in Rio, uma Cream Ale com lúpulos Simcoe, Sorachi Ace e Centennial e 10% de flocos de milho e arroz. O Lupulinas adorou que no rótulo o casamento retratado fosse o de duas mocinhas \o/ E como a 2cabeças capricha, as mocinhas são uma loira, outra morena, são peitudonas e ainda têm o Cristo Redentor acima de braços abertos :D

Então é isso: muitas vezes a piada e o sectarismo escondem a verdade e a melhor coisa pro consumidor é beber a cerveja que gosta, ler em seu rótulo do que ela é feita e brindar com seus amigos.

PS.: Agradeço a todos os colegas blogueiros ou produtores de cerveja que me elucidaram, através de leituras ou de bons papos, sobre os vários aspectos desta questão. ■



‘Não é táxi x Uber’

O porta-voz do Uber no Brasil Fabio Sabba defende plataforma e diz que inovação vem antes da legislação.

Por HELOÍSA MENDONÇA

Já aconteceu em Portland, em Paris e na Cidade do México. Agora é a vez do Brasil ver de perto uma das batalhas urbanas do momento: Uber X taxistas. Desde que chegou ao país, o aplicativo americano — que coloca passageiros em contato com motoristas profissionais entrou na mira dos motoristas de táxis, que argumentam que o serviço é ilegal e deveria ser suspenso. Nesta sexta-feira, um novo protesto contra o aplicativo no Rio de Janeiro parou a cidade, reunindo mais de 1.300 táxis e interditando várias vias. A reação à plataforma, que hoje é a maior startup do mundo e começou a operar em quatro em Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo há um ano, ganhou até contornos de violência contra os motoristas do Uber.

Uma das principais queixas dos taxistas é o fato de os motoristas do aplicativo não pagarem os mesmos impostos e dessa forma criarem uma concorrência desleal. Em São Paulo e em Brasília já correm projetos de lei para proibir o uso da plataforma. Do outro lado, o Uber não recua e faz uma ofensiva de relações públicas. Se nos EUA, seu fundador, Travis Kalanick, faz fama de provocador e recebe reclamações sobre o suposta baixa remuneração dos motoristas associados, aqui a plataforma se cola a causas do momento como a mobilidade urbana — afirma que seu serviço ajuda a tirar mais carros da rua — e distribui picolés e viagens grátis para conquistar os clientes.

Em entrevista, o porta-voz do Uber no Brasil, Fabio Sabba, diz que essa batalha Uber versus táxi é prejudicial. Aos taxistas enfurecidos afirma que já que há espaço para os dois serviços existirem juntos. Sabba afirma que o aplicativo não é ilegal e que apenas necessita uma regulamentação específica. "Até outro dia o Uber não existia. A inovação sempre vem primeiro e a legislação tem que vir a reboque da inovação. Não adianta argumentar que não temos licença nem alvará."



Os taxistas alegam que o serviço da Uber é ilegal e que os motoristas não possuem alvará. O que a empresa acha dessas acusações?

Fabio Sabba: Quando você observa a Lei de Mobilidade Urbana, ela tipifica os tipos de transporte urbano que existem. Lá está especificado o transporte urbano, o privado, o individual e o coletivo. A Uber se encaixa no transporte individual privado, mas a verdade é que não há uma regulamentação específica sobre isso. Até outro dia o Uber não existia. Você possui um serviço novo para o qual não há regulamentação. Agora a diferença de não ter uma regulamentação e ser considerado ilegal é grande. Um exemplo que vimos recentemente foi o das redes sociais. Em 2005, quando começou a febre do Orkut aqui no Brasil, havia toda uma discussão sobre os direitos autorais das fotos publicadas. Naquela época, não havia um arcabouço jurídico para sustentar tudo isso. O que veio depois foi um grande debate entre sociedade, empresas, legisladores de onde saiu o marco civil da internet. Porém, esse marco veio muitos anos depois do serviço estar funcionando. A inovação sempre vem primeiro e a legislação tem que vir a reboque da inovação. Não adianta argumentar que não temos licença nem alvará. Obviamente não temos porque não somos táxi. Somos um serviço novo.

Qual a diferença entre os dois serviços?

O táxi e o Uber são dois modelos distintos por um ser público e outro privado. Um é uma concessão do Estado e o outro é uma rede privada de transporte que basicamente conecta o usuário com o motorista. Você nunca vai ver um carro do Uber andando devagarzinho procurando passageiros. Ele só faz corridas que foram chamadas pelo aplicativo.

A grande discussão é que os taxistas falam em uma concorrência desleal já que consideram o serviço muito semelhante e alegam que os motoristas do Uber não pagam impostos.

Nós também pagamos impostos. O taxista não paga IPVA, por exemplo. Se você pega um Corolla 2014, isso significa uma isenção de 3.000 reais anuais. Se você compra um automóvel novo e tem alvará, você tem isenção de IPI e ICMS, o que já dá 30% de desconto no valor do carro. No caso do motorista da Uber, ele precisa pagar IPVA todo ano, comprar o automóvel com preço cheio, e precisa pagar impostos sobre as transações das corridas que são pagas através de cartão de crédito. Alguns pagam como MEI e outros como Simples. O ponto todo de você ter uma regulação é uniformizar isso e deixar o Estado falar qual imposto a mais temos que pagar.

Então a empresa estaria disposta a pagar mais tributos?

Estamos completamente abertos para conversar com prefeitura e com o Governo para ver como esse serviço pode funcionar de forma adequada. Porém, se você colocar na ponta do lápis, com toda a isenção que os taxistas possuem, os motoristas do Uber pagam mais impostos. Claramente precisamos de uma regulação para acertar todos os pontos. No México, por exemplo, a nova regulação que saiu determinou que os motoristas paguem uma taxa extra. Nós queremos isso, nos adequar. Temos um time de regulação governamental que está correndo atrás disso na esfera



política para tentar essa adequação. Em Boston, temos um convênio com a prefeitura que dividimos dados de trânsito exatamente para eles entenderem quais as zonas da cidade que precisam de mais transporte público. A plataforma acaba sendo um complemento muito importante para a mobilidade urbana das cidades e a rede de transporte público.

Em São Paulo, o veto ao Uber avançou na Câmara Municipal no mês passado.

Há dois projetos de lei tentando proibir o aplicativo, um em Brasília e outro em São Paulo. O que percebemos é que há um foco no Uber, quando, na verdade, há várias empresas que usam tecnologia para aplicar no trânsito. O aplicativo de trânsito Waze, por exemplo, possui um protótipo de caronas em Tel Aviv. Na Espanha, existe a plataforma de caronas Blablacar e vários outros playeres pelo mundo. Ou seja, não é apenas o Uber que está inovando. O que você vê é uma vontade muito louca de banir a tecnologia, ao invés de sentar e discutir ideias. Ao colocar uma nova tecnologia na mesa, você vai ter menos trânsito pois tira carros da rua, do lado do Estado, haverá mais impostos recolhidos e o usuário terá novas opções de se locomover. Muitas vezes, temos esse paradigma de que, porque compramos um carro de 50 mil reais, temos que usá-lo o tempo inteiro. A chegada do Uber para o motorista profissional é interessante porque ele tem uma nova opção de trabalho. Conheço gente que aluga alvará de táxi e sai de casa já devendo 250 reais. Estamos abrindo o mercado para mais empregos e mais concorrência. Já há uma discussão e não podemos simplesmente proibir.

Em algumas cidades o aplicativo conseguiu ser proibido, como na Espanha. Vocês estão confiantes?

Na verdade, lá só funciona o UberEats que é um aplicativo de entrega de comida. No entanto, temos muitos mais exemplos de lugares que aceitaram criar uma legislação. Nos Estados Unidos, por exemplo, há 51 jurisdições a favor. A Filipinas regulou agora e a Índia e o México também. É algo novo aqui no Brasil, há um embate forte quando o serviço chega, mas o Governo depois acaba vendo que é bom para todo mundo. A nossa perspectiva é boa, estamos trabalhando para conseguir essa regulação no Brasil. A inovação sempre traz discussão, eu gosto dessa ideia de ter uma nova alternativa.

Qual o diferencial do Uber?

A grande diferença é o foco no usuário. Os motoristas parceiros acabam oferecendo um serviço que o usuário quer muito. Há uma tecnologia apoiando atrás e você tem carros legais no caso do Black ou carros menores com preços mais acessíveis, então a opção, o modelo é muito legal. O usuário só consegue chamar um carro se ele tiver cadastrado. Todos os problemas de preço e segurança você resolve através da plataforma. Coloca seu cartão. Calcula com quilometragem e tempo.

No entanto, os aplicativos que os taxistas usam como E-asytáxi e 99Táxis também possuem algumas facilidades como poder chamar o táxi pelo aplicativo e pagar a corrida no cartão. Não é mais um diferencial, certo?

Eles viram pelo Uber e tentaram fazer igual. Mas há uma diferença grande entre eles sim. Essas plataformas possuem uma camada de tecnologia em cima de um sistema velho, de um sistema público que foi criado há décadas, enquanto o Uber é um sistema completamente novo. O Uber consegue aumentar ou diminuir o preço de acordo com a demanda. Tudo isso faz com que a plataforma seja diferente já que um é público e outro privado. A grande graça do negócio é que você consegue garantir todas essas coisas para o usuário usando tecnologia. Quando a regulação de mobilidade urbana foi criada, ela foi pensada também para proteger o usuário, para o cidadão saber quanto vai pagar. Com um novo modelo você está criando outro jeito do usuário se movimentar pela cidade. Aquilo foi criado lá atrás, por um motivo específico. Esses dois modelos coexistem dentro da cidade. Se você pegar, por exemplo, San Francisco e Nova York, onde o serviço do Uber já existe há 5 anos o sistema de táxi continua igual.

Mas há uma estimativa de que em Nova York já existam mais carros do Uber que de táxis....

Quando você fala de motorista parceiro da Uber, você está falando de gente que se conecta à plataforma quando tem vontade de trabalhar. É diferente uma frota de táxi que está toda na rua. Quando se fala em Uber, estamos falando de gente que trabalha de madrugada, na parte da manhã, de gente que não trabalha muitos dias da semana. Não há um horário mínimo, há uma flexibilidade enorme para os motoristas parceiros. O que vemos, por exemplo, aqui em São Paulo, são motoristas que possuem outro trabalho e utilizam o aplicativo em horários específicos para ganhar uma grana extra. Por isso, quando falamos nessa história que em Nova York há mais carros da Uber que de taxistas é relativo, porque muitas pessoas não estão sempre com os automóveis na rua como as frotas de táxi. Essa flexibilidade e a ideia de não ter um chefe são as duas coisas que mais estimulam os motoristas.

Quantos motoristas parceiros a empresa possui?

Não divulgamos o número. Não acreditamos que esse dado seja tão importante exatamente porque os motoristas não ficam o tempo todo conectados. O que medimos é o tempo médio de espera de um carro, que é o dado mais útil para o usuário. Nos bairros centrais de São Paulo, atualmente, essa demora é de cinco minutos. Se você está mais longe, aumenta o tempo de espera. Diferentemente dos aplicativos usados por taxistas, a plataforma do Uber utiliza um algoritmo que já calcula qual carro de um parceiro está mais perto de um usuário e manda uma

mensagem apenas para esse motorista.

Nas últimas semanas vimos casos de grande violência de taxistas contra os motoristas da Uber. Como a empresa está lidando com esses atos?

Para o lado do parceiro, criamos um 0800 que é ligado a uma central de segurança. Assim, se um motorista tiver qualquer problema de segurança é só acionar essa central que ela já entra em contato com a polícia. Somos contra a violência em todos os níveis e ato violento é caso de polícia. Em Belo Horizonte, fizemos um processo pacífico, o Uber Love Day, em que presentearíamos corridas de graça para fazer com que mais pessoas conhecessem o Uber e entrassem nesse debate. Não dá para aceitar a violência, o que precisamos é de discutir ideias. Qualquer feedback que temos de violência de um motorista da Uber, eliminamos o parceiro da plataforma. A boa notícia é que depois desse processo pacífico, houve queda de registro de violência. Essa história de Uber versus táxi é prejudicial, não é um ou outro, os dois funcionam juntos. O grande problema de várias cidades é o trânsito caótico. Se você tira o Uber da equação, isso não vai mudar.

Qual a aposta do Uber para melhorar o trânsito?

É deixar o seu carro em casa. Quando você não está com o seu carro você pensa em ir caminhando até o mercado para comprar algo, pensa em usar uma bike para o trabalho ou opta pelo metrô. Agora, se você está muito cansado ou está chovendo, você pode usar o Uber. Um automóvel do Uber bem utilizado consegue tirar de 5 a 20 carros da rua. Se você coloca o Uberpool —que é um serviço que permite que duas pessoas que não se conhecem possam dividir a corrida para um mesmo destino— nessa equação, você duplica essa capacidade. O ponto central é ver como podemos usar essa plataforma para tirar mais carros da rua. Hoje, possuímos tecnologia aplicada para resolver problemas de trânsito da cidade. É uma época muito legal de estar vivenciando essa mudança. Em Chicago, 52% das viagens de Uberx saem de áreas onde não tinham táxi nem transporte público, áreas pobres. Ou seja, conseguimos colocar transporte onde não havia.

O CEO do Uber, Travis Kalanick, chegou a comentar que a empresa já investe em veículos autônomos, sem motoristas e elétricos. Já há alguma previsão de quando esses carros estarão circulando?

É normal você investir em novas tecnologias, mas ainda não há nenhuma novidade, os carros autônomos só devem chegar daqui algumas décadas.

O UberX, que começou a operar em junho, tem uma tarifa mais barata. Será que esse serviço não vai ser ainda mais competitivo com o táxi?

Quando chegamos com o Uberblack, percebemos que muitos motoristas interessados não tinham um carro sedã e também alguns usuários queriam usar o Uber, mas em uma versão mais econômica. Mas o UberX funciona mais nas periferias das cidades como uma forma de complementar o sistema de transporte. Estamos sempre tentando encontrar novos serviços. Na semana passada fizemos alguns testes com o Uberbike, que são automóveis que possuem um hack para levar uma bicicleta. Muitas pessoas usaram. Quem mora longe de uma ciclovia precisa de uma forma de chegar até ela. Neste fim de semana o teste será em Brasília e vamos avaliar se vale a pena investir no serviço. ■



PAPARAZZO

Renata D'Ávila





[PAPARAZZO]



PARAZZO







[PAPARAZZO]











A person is lying on their back on a sandy beach, looking up at the sky. The sun is low on the horizon, creating a warm, orange glow. The person's legs are visible, wearing dark shorts. The background is a vast, open beach with some distant figures.

Cultive o tesão

Não deixe sua vida sexual esfriar.

Por NATHALI MACEDO



T

udo que é bom precisa ser cultivado. Assim como não dá pra esperar que uma planta cresça se você não rega e que um amor vingue se você não cuida, não se pode querer que o tesão aflore sem que o alimentemos.



Tudo que é bom precisa ser cultivado. Assim como não dá pra esperar que uma planta cresça se você não rega e que um amor vingue se você não cuida, não se pode querer que o tesão aflore sem que o alimentemos.

Não existe uma fonte inesgotável de tesão dentro de cada pessoa – ao menos não das pessoas ditas normais. Não dá pra passar o dia inteiro pensando nas contas atrasadas, em passar no supermercado ou no resultado do futebol, e querer um erotismo latente todas as noites.

Desejo sexual não é completamente físico. É espírito, é desejo, é pensamento. Portanto, é preciso que se pense – e que se fale – sobre sexo. Principalmente, é preciso que se fale. O desejo se esconde da timidez.

Portanto, não esconda do seu parceiro os seus desejos mais pervertidos – é saudável que se compartilhe as vontades, que se estabeleça uma comunicação sexual sem restrições – com o outro e, também e principalmente, com você mesmo. Conhecer o próprio corpo, aceitar as próprias preferências e conviver com as próprias fantasias são os indispensáveis ingredientes do tesão.

Pensar em sexo e falar sobre sexo não deixam de ser ótimas maneiras de praticá-lo, mesmo que não no plano físico. Compreender-se enquanto um ser sexual – física e espiritualmente falando – é a única coisa capaz de nos colocar nesta condição.

O prazer não foi feito para ser deliberadamente desfrutado – mas cultivado, afluído, aprimorado. Tornar-se sexual por nature-



za é a mais afrodisíaca preliminar. ■

O desejo se
esconde da timidez.



A fórmula do fracasso



Eu queria saber quando foi que a gente ficou tão obsecado com a possibilidade de falar mal de alguma coisa. Qualquer coisa. A qualquer momento. De preferência nas, ham!, redes sociais, onde existe um código secreto em que não se fala de nada se não der pra falar mal daquilo.

Tenho observado, por exemplo, que quanto pior é um programa de televisão, maior é o tempo que nós passamos falando sobre ele, em especial nas, ham!, redes sociais. #TomaraQueCaia #TomaraQueAcabe

Se o programa é tão ruim, porque a gente gasta tanto tempo assistindo? Eu, que já parei de assistir o Pânico, vejo muita gente, inclusive amigos meus, comentando o que viram no programa. Falando mal, obviamente. Pobre de mim, que tenho que ouvir tudo que acontece nos programa que não acompanho porque um monte de pessoas se dispôs a assistir só pra falar mal.

Será que a obsessão das pessoas com o que é ruim faz com que isso seja, na verdade, bom? Será que o sucesso é, na verdade, fracasso e o fracasso é uma forma de fazer sucesso?

Nesses tempos em que todo mundo se conecta pela Internet e pelas, ham!, redes sociais, todo mundo que faz conteúdo quer repercutir com quem tem influência sobre as pessoas. Pois eu digo que para repercutir de verdade, um programa precisa ser ruim a ponto de todo mundo assistir só pra falar mal. A nova receita do sucesso é a receita do fracasso.

E você que quer fazer sucesso na Internet precisa ter isso em mente. Se você ainda não sabe por onde começar, não desanime que eu te dou algumas dicas de como ser o pior naquilo que você faz:

- Os cenários não têm que ser necessariamente ruins, mas eles precisam ser bem cafonas, para transmitir a cafonice do programa para as pessoas que assistem em casa. De preferência, use cores bem fortes e chamativas e ponha detalhes inúteis. Funciona no Multishow.
- Não é preciso muita gente pra fazer um programa ruim, só ponha um bocado de gente sem talento nenhum. Se for programa de humor, tenha certeza que os humoristas sejam sem graça e tempere a falta de talento com interpretações forçadas.
- Se o programa for de auditório, não se esqueça das assistentes de palco. elas não precisam estar seminuas (vide Record), mas devem obrigatoriamente ter pernas de jogador de futebol. Também faz parte do cenário colocar um anão.
- Quer fazer reality show? Fabrique brigas entre participantes por motivos pessoais ainda que o reality seja de culinária - ninguém assiste reality show pra julgar prato, assiste pra torcer pela pobrinha ou pela engraçadinha, mesmo que cozinhem mal.
- Pra apresentar, coloque alguém sem nenhum carisma, mas que tenha a desenvoltura de um VJ da finada MTV Brasil. Programa de esquetes não precisa de apresentador, mas precisa obrigatoriamente ser confuso.
- Pra terminar, encha o programa de clichês - e aqui você pode ser livre pra praticar todo tipo de preconceito social, racial e de gênero. Se alguém reclamar, jogue a culpa na patrulha do politicamente correto.

Pronto, fazendo tudo isso você terá um produto televisivo ridículo e descartável. Por isso mesmo será um sucesso que todo mundo vai ver pra falar mal nas, ham!, redes sociais. E se nada disso funcionar, lembre-se: sempre tem um programa ruim que você pode copiar.

Ou então você pode tentar um canal no YouTube, mas só se você estiver disposto a fazer vlog ou esquetes. Enfim, essa fica pra outro texto. Ou não...

MÔNICA DE SOUZA é baranga com orgulho e não tem emprego. Usa esta coluna pra falar mal dos outros.

Se oriente, rapaz

Nos anos 60, quando eu era ainda menino de calças curtas, as estradas eram de terra, os carros não tinham cinto de segurança, era raro ver uma mulher dirigindo um automóvel e o Vigilante Rodoviário fazia sucesso na televisão. E o meu pai, antes de viajar, fazia questão de estudar detalhadamente aqueles mapas que vinham encartados, todo mês, na revista Quatro Rodas.

Eram mapas preciosos. Os repórteres da revista faziam o percurso inteiro, anotando passo a passo, tudo que viam entre uma cidade e outra. Era observando esses mapas que o meu pai calculava onde encheria o tanque da Rural Willys, onde comeríamos aquele PF com uma coxa de frango, macarrão, arroz e feijão e onde se localizavam as borracharias, caso a câmara de ar do pneu Goodyear estourasse.

Guia, era coisa rara, ninguém tinha. Saíamos viajando sem reservar hotel, sem saber quais eram os restaurantes bacanas da cidade, onde iríamos nos divertir, nada disso. Seguíamos meio sem lenço, sem documento, caminhando contra o vento no sol de quase dezembro. Pegávamos a estrada apenas com aqueles mapas da Quatro Rodas no colo do meu irmão mais velho, o copiloto, tão organizado quanto o meu pai.

Ai vieram os guias! Sempre fui fã, obcecado por guias, desde que sai do Brasil pela primeira vez, no início dos anos 70. Cheguei na Europa e fiquei abismado como os turistas se orientavam pelos guias. A gente, naquela época, não ficava chocado, ficava abismado.

Andávamos pelas ruas e, a cada esquina, tinha um turista meio perdido com um mapa aberto, procurando alguma rua, algum museu, alguma igreja. Eram daqueles mapas enormes que a gente desdobrava e depois nunca mais conseguia dobrar novamente, da maneira correta.

Gostava de observar, nas mãos dos turistas, as capas dos guias para saber de onde eles vinham. Quando via escrito Londra ou Parigi, sabia que eram italianos. Quando via na capa do guia, ΛΟΝΔΙΝΟ ou ΠΑΡΙΖΙ, só podiam ser gregos.

Nunca me esqueço daqueles turistas que iam apenas conferindo tudo. Um olho no guia, outro no monumento pra checar. Olhava no guia, olhava pro Big Ben, conferia e exclamava:

- Voilà le Big Ben! C'est ça! Il est bien là!

Quando descobri os guias, nunca mais viajei sem um. No avião, já ia lendo, página por página, anotando o que tinha pra ver, onde

ir, onde comer. Mas, confesso, hotel nunca me orientei por guia. Sempre foram caros demais pro meu dinheiro curto, de estudante.

Depois dos guias da cidade, vieram os temáticos: Barcelona com Crianças, Londres de Bicicleta, Amsterdam à pé, Istambul Misteriosa. Desses, nunca fui fã.

Na minha casa, até ontem, tinha um móvel na sala com seis gavetas, três delas entupidas de guias. Resolvi botar tudo fora, esvaziar as gavetas.

Até aquele do Vietnã, que comprei e nunca fui, foi pra reciclagem. Só de Cuba, tinham três, Tóquio dois, Abidjan também dois, um em francês e outro em inglês.

Do mesmo jeito que acabaram as missas em latim, as fichas de telefone e a Mirinda Morango, sinto que os guias também estão acabando, indo embora, estão com os dias contados.

Além dos tradicionais, eu tinha a mania de comprar aqueles pequenos, de conversação, crente que ia chegar em Berlim e perguntar em alemão:

- Wie spät ist es?

Isso, se quisesse saber que horas são, certo?

Crente que ia chegar a Roma e, na maior cara de pau, perguntar:

- Ho bisogno di telefonare in Brasile!

Caso quisesse falar com alguém cá no Brasil, é lógico.

Até um guia de conversação em japonês eu comprei um dia. Pensava: Já imaginou eu, em Tóquio, puxando os olhinhos e dizendo:

- Uatchi ua nattsu cai areruguii des.

Isso se quisesse dizer que sou alérgico a nozes e crustáceos, não é mesmo?

Hoje só vejo turistas nas ruas conectados no celular, plugado no Trip Advisor, no Waze, no Uber, no Air BNB, no Four Square, no Google Maps. Guia de papel, quase ninguém

Enfim, os meus guias foram todos pra reciclagem.

Na limpeza das gavetas, só sobrou aquele pequeno guia de conversação, em japonês. Sei lá, vai que um dia, lá em Kyoto, me bate aquela vontade de tomar um cafezinho quente, não é mesmo? Ai é só pegar o danado, abrir na página 59 e falar de peito cheio:

- Coorrii ippai daque onegai chimas

CHARGE



BeCool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: El Hombre, CartaCapital, Lupulinas, El Pais, Paparazzo, YouTube, Adorocinema, Livraria Saraiva, Submarino, Guia da Semana, Veja São Paulo e Terra

MAIS
+

REVISTAS

BECool é uma publicação da Mais Revistas.

Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

LEIA TAMBÉM



Inscriva-se

issuu.com/dddgilvan

[youtube.com/user/revistabecool](https://www.youtube.com/user/revistabecool)

twitter.com/becoolmagazine

facebook.com/RevistaBecool

